



ENTREVISTA



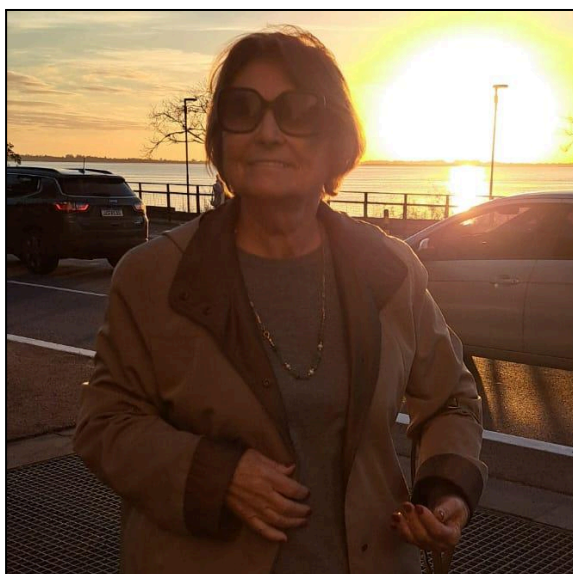
Emancipação ou submissão? Sociologia do Trabalho e Estudos de Gênero: uma aproximação pelo olhar de Anita Moser

Anita Moser, *Universidade Federal de Santa Catarina*

Bárbara M. Amorim¹, *Universidade Federal de Santa Catarina*

Pollianna A. Alessio, *Universidade Federal de Santa Catarina*

Izabela Liz Schlindwein, *Universidade Federal de Santa Catarina*



#PraCegoVer: Na imagem, vemos Anita Moser de cabelos curtos e castanhos, usando óculos de sol e casaco bege. Ela está de pé, ao ar livre, com o pôr do sol ao fundo. Moser está sorrindo, transmitindo serenidade. Uma postura segura e, ao mesmo tempo, satisfeita com a vida.

¹ Barbara M. Amorim realizou a entrevista e Pollianna A. Alessio transcreveu-a no âmbito do Projeto "Outros Olhares", orientado por Miriam Pillar Grossi. Izabela Liz Schlindwein editou o conteúdo para os Cadernos de Gênero e Diversidade.



Apresentação

Como parte do projeto de pesquisa “Outros Olhares”², desenvolvido pelo Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC), a professora **Anita Moser** deu esta entrevista a Bárbara Amorim falando de sua trajetória, contribuição para a consolidação do curso de Ciências Sociais da UFSC e para o campo de estudos de gênero e trabalho.

A entrevista foi realizada on-line, em 2020 durante a pandemia de Covid 19, visando contribuir para as comemorações dos 50 anos do curso (1973–2023). Nela são destacados momentos marcantes da docência de Moser na UFSC, a partir da década de 1980, especialmente no campo da Sociologia do Trabalho em sua interface com questões de gênero.

Nascida em Rodeio, em 1937, sua trajetória tem início em uma família de imigrantes italianos, e sua formação educacional se dá entre colégios de Florianópolis e no Rio de Janeiro . Como estudante da segunda turma de Ciências Sociais da UFSC (1973-1975), ela recorda os tempos da ditadura civil-militar, o clima de tensão, os “informantes da polícia” e o impacto do autoritarismo sobre docentes e discentes.

Moser trouxe, neste diálogo, importantes reflexões sobre suas experiências de ensino no Instituto Estadual de Educação e sua formação no Mestrado da PUC-RS, assim como sobre seus 12 anos de atuação como docente na UFSC nos campos da Sociologia do Trabalho e da

² Coordenado e desenvolvido por Miriam Grossi desde a década de 1990, o projeto “Outros Olhares” buscou, entre 2020 e 2025, reconstruir a memória dos 50 anos do curso de Ciências Sociais da UFSC por meio da biografia de suas protagonistas. Entre 2020 e 2023, foram realizadas 23 entrevistas com professoras e pesquisadoras, atuantes e aposentadas e, na sequência, foram editados filmes com o material recolhido..

As entrevistas abordaram tanto a história institucional do curso, quanto temas relacionados com o protagonismo das mulheres na história do curso de Ciências Sociais da UFSC em suas dimensões pedagógicas, administrativas e de produção intelectual, assim como questões relacionadas ao campo da vida privada como maternidade e conjugalidade.

Dois vídeos foram produzidos a partir desta pesquisa e um deles, *Bruxas Contemporâneas: as sociólogas da Ilha da Magia*, dirigido por Bárbara Michele Amorim, Miriam Pillar Grossi, Suzana Morelo Vergara Martins Costa, Beatriz Heisecke de Almeida e Adriana Eidt, foi premiado no edital de vídeos sobre a Memória da Sociologia no Brasil, promovido pela Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS).

Os vídeos encontram-se em:

<https://youtu.be/ZakKFszu-o?si=3ZlmoF8BAs4GwVJH>

<https://youtu.be/oOWAr1jEyeU?si=ZY1mnbZCb3DmIEym>

Educação

Com o lançamento do livro **A nova submissão: mulheres da zona rural no processo de trabalho industrial** em 1985, a autora inaugurou, não apenas um debate sobre as novas relações de trabalho, mas também um olhar inovador para as mulheres operárias do Vale do Itajaí. Baseado em 60 entrevistas em profundidade, o estudo analisou a dinâmica da produção capitalista da indústria têxtil e seus impactos na vida das trabalhadoras rurais de Rodeio (SC). Inspirada em Harry Braverman (1977) e Heleieth Saffioti (2004), Moser examinou como a divisão entre espaço doméstico e espaço de trabalho se transformou quando a propriedade agrícola familiar deixou de ser centro de subsistência e passou a ser apenas local de moradia para estas camponesas que se tornaram operárias industriais e precisaram articular trabalho na fábrica, cuidado da casa e produção agrícola de subsistência.



Quarenta anos após a sua publicação, a obra permanece referência nos campos da Sociologia e dos Estudos de Gênero e é com alegria que compartilhamos a trajetória de **Anita Moser** com as e os leitores dos **Cadernos de Gênero e Diversidade**, visando reconhecer a importância das pioneiras nos estudos sobre mulheres camponesas e operárias no sul do Brasil



A infância no interior e a inspiração paterna

Bárbara Amorim: Como era a sua vida em Rodeio até os 11 anos, antes de vir para Florianópolis estudar?

Anita Moser: Era uma vida simples, em uma pequena propriedade agrícola. As famílias, em geral, eram numerosas, porque os filhos ajudavam no trabalho da lavoura. Nós éramos nove irmãos — cinco mulheres e quatro homens — e eu sou a segunda mais velha. Hoje tenho 88 anos. O tempo passa rápido.

Bárbara Amorim: Seus pais eram agricultores, tanto seu pai quanto sua mãe?

Anita Moser: Meu pai era agricultor, mas ainda jovem, com uns 18 ou 20 anos, foi aprender o ofício de sapateiro em José Boiteux, com um dos melhores mestres da época, chamado Zonta. Ele se tornou também um excelente sapateiro, conhecido na região. Fazia sapatos sob medida, até para pessoas com necessidades específicas, sempre com costura impecável. Fez muitos para nós, da família. O nome dele, em italiano, era Giovanni Moser. Depois da Segunda Guerra Mundial, passou a assinar João Moser, já que durante o Estado Novo foi desencadeada a violência contra os descendentes dos imigrantes que não sabiam se comunicar na língua nacional. Aliás, escrevi um trabalho sobre isso: “A violência do Estado Novo contra italianos durante a guerra” (MOSER, 1998).

Minha mãe trabalhava em casa e na roça — costurava, cozinhava, colhia café. Naquele tempo quase tudo era produzido em casa: arroz, feijão, vinho, cachaça, até café. Só se comprava sal e trigo. Os dois lados da família eram de imigrantes italianos que chegaram em 1875, na grande imigração italiana para o Brasil.

A paisagem da nossa infância era a Serra do Mar, um paredão verde em frente à nossa casa. Rodeio fica num vale. Só mais tarde, viajando, percebi a força simbólica desse lugar. Às vezes precisamos sair de onde estamos para compreender a nossa própria cultura.

A dedicação aos estudos em Florianópolis e no Rio de Janeiro

Bárbara Amorim: Onde a senhora estudou?

Anita Moser: Primeiro no Grupo Escolar Oswaldo Cruz, criado em 1942, dentro do processo de nacionalização do ensino. Até então, quem dava aulas eram religiosos da Igreja Católica, e as aulas eram em italiano.

Bárbara Amorim: E a senhora falava italiano?

Anita Moser: Falávamos o dialeto italiano em casa, mas crescemos com a ideia de que era uma língua “menor”, porque durante a guerra foi duramente reprimida. O reconhecimento do italiano como língua legítima só veio em 1975, no centenário da imigração. Nessa época, a educadora Andrietta Lenard (1976) pesquisou o bilinguismo em Rodeio e ajudou a reabilitar a língua, que hoje é ensinada nas escolas.

Bárbara Amorim: Quando você veio para Florianópolis, sua família veio junto?

Anita Moser: Não. Vim sozinha estudar no Colégio Coração de Jesus. Até a quarta série do primário era o limite da escolaridade em Rodeio. Se quisesse continuar, precisava sair de lá.

Duas irmãs também vieram estudar em Florianópolis, mas depois retornaram. Eu permaneci.

Bárbara Amorim: E depois foi para o Rio de Janeiro?

Anita Moser: Sim. Em 1954, eu fui para o Rio de Janeiro para fazer um curso de Educadora da Infância, que era o primeiro curso que existia em nível da formação de educadoras para o pré-primário. Só existiam dois: o Colégio Jacobina, que era católico, e o Colégio Bennett, que era protestante - dois ótimos colégios que preparavam as educadoras de infância.

Naquele tempo, a dona Laura Jacobina Lacombe, que era fundadora do colégio - um colégio da alta burguesia - ia todo ano para Europa porque



as ideias novas estavam em ebulição e ela trazia o que havia de melhor da Europa para o Rio de Janeiro.

Eu, então, quando voltei do Rio de Janeiro, tive a opção de entrar na Congregação da Divina Providência³, como educadora em Florianópolis. Durante o exercício do magistério, eu trabalhei em Curitiba, Joinville e Florianópolis, coordenando a Educação Pré-Primária desses colégios. Ao mesmo tempo, promovia cursos de aperfeiçoamento para os professores no Estado de Santa Catarina.

Os estudos na UFSC e a ditadura militar



Bárbara Amorim: A professora também estudou Ciências Sociais na UFSC. Como eram as primeiras turmas?

Anita Moser: Entrei em 1973, provavelmente na segunda turma. Lembro de professores como Marcílio Medeiros, Zuleika Mussi Lenzi e Anamaria Beck.

Bárbara Amorim: Imagino que ser estudante de primeiras turmas não tenha sido fácil...

Anita Moser: Foi um curso fraco, reflexo da ditadura. Tínhamos várias aulas de OSPB (Organização Social e Política do Brasil). Sabíamos que havia “olheiros” infiltrados em cada turma. O clima era de medo. Hoje a universidade tem outro nível. Recupero minha formação depois, na pós-graduação na Pontifícia Universidade Católica (PUC-RS) em Porto Alegre.

³ A Congregação Divina Providência foi fundada na Alemanha pelo padre Eduardo Michelis em 1842. No Brasil, a instituição dedica-se à Saúde e à Educação desde 1895.

Bárbara Amorim: A senhora não pensou em desistir?

Anita Moser: Não. Quando a gente começa, tem de ir até o fim. Mas ao mesmo tempo, entre 1973 e 1975, eu fazia psicanálise, o que foi fundamental. Aprendi a reconhecer meu próprio sujeito: a dizer “sim” e “não” sem agredir, a ter visão própria. Isso me fortaleceu para atravessar aquele período tão difícil.

Os meios de produção e suas in(submissões)

Bárbara Amorim: A senhora lecionou por 43 anos. Todos eles foram na UFSC?

Anita Moser: Não. Apenas os últimos 12 anos. Os primeiros 17 foram dedicados à educação pré-primária, organizando cursos para professores de Santa Catarina. Depois comecei a dar aulas no Instituto Estadual de Educação, já enquanto fazia o curso de Ciências Sociais.

Naquela época, nos anos 1970, por causa da ditadura, lecionávamos disciplinas como História, Educação Moral e Cívica e OSPB. Houve um período em que eu tinha 43 turmas de 50 alunos, com cinco disciplinas e nove programas diferentes. Para sobreviver, era preciso se desdobrar, pois o salário era muito baixo. Foi aí que pensei: “Não posso continuar assim, preciso fazer o mestrado”.

Tive clareza sobre meu objeto de pesquisa: as mudanças em Rodeio. Em 1975, uma grande indústria se instalou na região, empregando cerca de mil mulheres. A pequena propriedade agrícola já estava desarticulada após a Segunda Guerra Mundial: o açúcar passou a vir das usinas, o café era comprado pronto, a mecanização substituía a força de trabalho manual. Sobrou uma grande mão de obra feminina ociosa e disponível. Quando o padre anunciou na missa que haveria vagas na fábrica, em pouco tempo mil mulheres estavam inscritas. Foi assim que a indústria



encontrou força de trabalho barata para acumular capital, aplicando a tecnologia do taylorismo e o fordismo.

Bárbara Amorim: E esse foi o tema do seu livro, certo?

Anita Moser: Sim, foi minha dissertação de mestrado.

Bárbara Amorim: A senhora realizou 60 entrevistas em profundidade?

Anita Moser: Exatamente. Entrevistas feitas à noite, depois de longas jornadas na fábrica. Elas trabalhavam oito horas por dia num ritmo alucinante, depois ainda cuidavam da casa e dos filhos. Muitas vezes, quando eu chegava, suspiravam e diziam: “Alguém vai nos escutar agora”. Então, começavam a relatar suas histórias.

No início, meu objetivo era entender o que havia mudado em Rodeio: se havia mais dinheiro circulando, mais consumo, se as mulheres tinham acesso ao salário. Mas logo percebi algo mais profundo: as próprias trabalhadoras falavam em exploração. Decidi, então, mostrar não apenas a mudança econômica, mas também como se processava a exploração dentro da indústria.

Foram seis meses lendo Braverman (1977) para compreender o processo de trabalho. Ele mostrava como os trabalhadores, separados dos meios de produção, tinham apenas sua força de trabalho para vender. Era exatamente o que acontecia em Rodeio. A exploração era grande, mas difícil de ser percebida, porque havia o dinheiro, e esse dinheiro era muito bem-vindo às famílias.

Bárbara Amorim: A professora teve Heleieth Saffioti como referência. Considera sua pesquisa feminista?

Anita Moser: Eu queria dar voz àquelas mulheres, que estavam invisibilizadas, embora fossem fundamentais para a sobrevivência de suas famílias. Enquanto muitos homens ganhavam apenas um salário mínimo em descascadores de arroz, foram os salários femininos que transformaram a economia local. Prefiro dizer que foi uma pesquisa muito custosa, também no plano emocional, mas necessária.

Bárbara Amorim: Além do trabalho na fábrica, havia ainda as atividades domésticas, que não eram reconhecidas como “trabalho”...

Anita Moser: Exato. Havia a casa, os filhos, a roça. E houve ainda um impacto significativo: a diminuição da taxa de natalidade. A própria fábrica distribuía anticoncepcionais, o que reduziu o número de filhos. Antes, nas famílias agrícolas, muitos filhos eram vistos como necessários para o trabalho. Na nova realidade, isso mudou rapidamente.

Com Heleieth Saffioti, também participei de uma pesquisa sobre violência contra a mulher. Lembro que estudei muito para compreender o conceito. Um deles me marcou: “Violência é a capacidade de imobilizar o outro, física ou psicologicamente”.

Bárbara Amorim: Um conceito forte. A violência nos incapacita de várias formas.

Anita Moser: De muitas formas, sim.

Bárbara Amorim: Depois, a senhora foi para Porto Alegre cursar o mestrado?

Anita Moser: Sim. Em 1980 apresentei meu projeto na PUC-RS, que foi muito bem recebido. Com bolsa da Capes, pude me dedicar integralmente ao estudo durante dois anos. Para se ter uma ideia, dos 20 alunos que começaram, apenas três conseguiram defender. Defendi a dissertação em 1983 e, dois anos depois, publiquei o livro pela Editora Edipaz. Foram 1.500 exemplares. Mais tarde pediram uma nova edição, mas não tive fôlego para retomar o tema, pois foi uma pesquisa emocionalmente muito pesada.



O ensino da Sociologia para além das Ciências Sociais

Bárbara Amorim: Durante o mestrado, a senhora já lecionava na UFSC?

Anita Moser: Em 1983 comecei como professora horista na UFSC. Substituí um professor que recebia dez vezes mais do que eu: se ele ganhava 30, eu ganhava 3. Foram três anos como horista. Em 1986, fiz concurso e ingressei como professora efetiva.

Bárbara Amorim: Depois de efetivada, continuou em contato com os colegas da época de sua formação?

Anita Moser: Sim. Reencontrei Marcílio Medeiros, Zuleika Mussi e outros. Sempre acreditei que as amigas não dependem da burocracia universitária. Também recebi colegas que estavam começando. Por exemplo, introduzi a professora Tamara Benakouche no departamento e somos amigas até hoje. Com Neide Fiori, que já faleceu, trabalhamos juntas na proposta de introduzir Sociologia no Segundo Grau.

Bárbara Amorim: A senhora guarda registros dessa época, como ementas ou fotos de aulas?

Anita Moser: Tenho fotos das viagens que fiz com a turma de Ciências Sociais da oitava fase, na disciplina de Sociologia do Trabalho. Foi a primeira vez que os alunos das Ciências Sociais saíram da UFSC para atividades externas: visitamos fábricas como a Wallig (em Porto Alegre), a Portobello (em Tijucas), além de indústrias em Concórdia, Joinville e Chapecó. Foi uma experiência inovadora: levar os estudantes diretamente ao ambiente industrial. **(Confira fotos abaixo)**



Sociologia do Trabalho:
Professora Anita Moser (primeira foto à esquerda) em visitas de estudo a indústrias catarinenses com turmas do curso de Ciências Sociais da UFSC (à direita e abaixo)

Bárbara Amorim: Havia mais professoras mulheres ou homens no departamento?

Anita Moser: Não sei precisar, mas lembro que certa vez seis ou sete alunos da Economia vieram fazer Sociologia do Trabalho. Foram pessoas maravilhosas, com quem mantive amizade por muito tempo. Ainda outro dia encontrei um ex-aluno dessa época. Meu método era propor uma lista de temas ligados à Sociologia do Trabalho, e cada estudante escolhia



o que pesquisar. Eu fornecia bibliografia e, depois, eles apresentavam seus trabalhos. Assim, cada um se envolvia em um tema que também despertava seu interesse.

Bárbara Amorim: Além de Sociologia do Trabalho, lecionou outras disciplinas?

Anita Moser: Sim. Dei aulas de Sociologia para cursos como Odontologia, Nutrição, História, Filosofia, Geografia e Direito. A disciplina de Sociologia do Trabalho era exclusiva da oitava fase de Ciências Sociais.

Bárbara Amorim: Como era dar aula para cursos fora das Ciências Sociais?

Anita Moser: Não foi difícil. Lembro de uma turma de Direito em que 70% dos alunos vinham da sétima fase da Engenharia. Perguntei por que haviam mudado de curso, e as respostas se repetiam: professores muito exigentes, falta de tempo para estudar e necessidade de trabalhar. A continuidade na Engenharia se tornava inviável. Achei interessante perceber essas trajetórias.

Bárbara Amorim: Foram boas experiências até a aposentadoria?

Anita Moser: Sim. Aposentei-me em 1995. No início, tive receio, mas depois foi maravilhoso. Passei a me dedicar à arte — aquarela, mosaico, tecelagem, cerâmica. Em 2000, fiz outra universidade: a Universidade da Paz, criada por Pierre Bayle e Gian de Lupyn. Durante dois anos, participei de seminários mensais.

Desde 1999 também comecei a viajar muito. Nunca disse “não” a um convite. Tenho um site onde registrei essas experiências: www.viagensdeanita.com.br. Antes, eu produzia relatórios e diários de viagem impressos e encadernados. Foi meu oftalmologista, Luiz Barbosa, quem me incentivou a compartilhar virtualmente: “Anita, não deixe isso na gaveta. Você precisa socializar”. Depois de um ano refletindo, nasceu o projeto “Viagens de Anita”.



www.viagensdeanita.com.br

Referências:

ALESSIO, Pollianna. História da antropologia na UFSC a partir da vivência e visão feminina. Relatório Final de Iniciação Científica, Núcleo de Gênero e Subjetividades, PIBIC/CNPq/UFSC, 2021.

AMORIM, Barbara Michele. O curso de Ciências Sociais na UFSC sob o olhar de suas professoras. **Relatório Final de Estágio Pós-Doutoral**, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho Capital Monopolista – A Degradação do Trabalho no Século XX**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1977.

BRUXAS Contemporâneas as sociólogas da Ilha da Magia - UFSC. Coordenação de Barbara Michele Amorim, Miriam Pillar Grossi, Suzana Morelo Vergara Martins Costa, Carmen Beatriz Heisecke de Almeida, Adriana Eidt. Florianópolis: Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades, 2025. (Vídeo de 15 min.). Link de acesso: <https://youtu.be/oOWAr1jEyeU?si=ZY1mnbZCb3DmIEym>

GROSSI, Miriam e REA, Caterina. **Teoria Feminista e Produção de Conhecimento Situado**, Florianópolis/Salvador, Tribo da Ilha/Devires, 2020.



LENARD, Andrietta. **Lealdade Linguística em Rodeio**, S.C. Dissertação de Mestrado. Departamento L.L.V. UFSC, 1976.

MOSER, Anita . **A nova submissão: mulheres da zona rural no processo de trabalho industrial**. Porto Alegre: EDIPAZ, 1985

MOSER, Anita. **A violência do Estado Novo Brasileiro contra os colonos descendentes de imigrantes italianos em Santa Catarina durante a Segunda Guerra Mundial**. In: CELI, S. (Org.). Quaderni dell'ADREV. vol.4. Ravenna: Angelo Longi Editori, 1998.

REPOSICIONANDO o Olhar: Pioneiras nas Ciências Sociais da UFSC. Autoras: Suzana M. Vergara. M. Costa; Barbara M. Amorim; Miriam P. Grossi; Vitória da Silveira; Carmen B Heisecke Almeida; Evelin Neves. Florianópolis: Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades, 2023. (Vídeo de 52 min.). Link de acesso: <https://youtu.be/ZakKFsizu-o?si=3ZlmoF8BAs4GwVJH>

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero Patriarcado Violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

Anita MOSER,
Professora aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), formada em Ciências Sociais pela UFSC com mestrado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Bárbara M. AMORIM,
Doutora em Sociologia Política e pós-doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina e em Sociologia na Universidade de Paris 8 Vincennes-Saint-Denis.

Professora de Sociologia do Ensino Médio do Estado de Santa Catarina
E-mail: bmichele.amorim@gmail.com

Anita Moser.
Barbara M. Amorim.
Pollianna A. Alessio.
Izabela Liz Schlindwein.

1542

Pollianna Aparecida ALESSIO,
Discente em Fisioterapia pela Universidade Federal de Santa Catarina.
E-mail: polialessio7@gmail.com

Izabela Liz SCHLINDWEIN,
Doutora em Ciências Humanas e pesquisadora do
Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades da Universidade
Federal de Santa Catarina (UFSC)
E-mail: izabela.liz80@gmail.com

Realização:



Recebido em: 05/10/2025
Aprovado em: 30/11/2025